

Participação na liturgia como caminho performativo no processo de iniciação cristã

Ediana de Souza Soares¹

Resumo: Este artigo visa aprofundar a reflexão da ação educativa do rito na perspectiva da mistagogia, que é a pedagogia que deve pautar a metodologia da catequese e a busca pela valorização das ações rituais no processo de iniciação cristã. Esta, normalmente tem sido entendida como processo anterior à celebração dos sacramentos do batismo, crisma e eucaristia e sendo de responsabilidade exclusiva da pastoral catequética. No entanto, toda a Igreja deve esforçar para manter-se no processo de introdução no mistério de Jesus e, ao mesmo tempo, ser uma comunidade mistagógica. A formação do discípulo missionário é permanente. Este trabalho abordará a proposta da educação ritual tendo como ponto de partida as reflexões acerca da iniciação cristã realizada nos primeiros séculos da Igreja e como a partir do Concílio Vaticano II, tem-se refletido sobre a catequese inspirada pelo catecumenato antigo. Os resultados nos apontam para a adoção da pedagogia mistagógica nas pastorais litúrgica e catequética. Conclui-se que estas pastorais devem se integrar e interagir para uma fecunda e eficaz formação do discípulo missionário e que os ritos possuem uma característica performativa no processo mistagógico.

Palavras-chave: catequese – mistagogia – mistério – ritos – catecumenato

INTRODUÇÃO

A proposta de Andrea Grillo em sua obra “Ritos que educam” de que os ritos litúrgicos devem ser celebrados de forma que sejam educativos, permitindo aos membros da assembleia entrar no mistério de Deus e assumir uma vida ética, chamou a atenção e despertou o interesse pessoal em refletir o processo de iniciação cristã a partir desta perspectiva, ou seja, da ação educativa do rito. Cada vez mais vem sendo despertada na consciência eclesial, a partir da atualização pastoral do Concílio Vaticano II, a necessidade de renovar a metodologia catequética, a fim de que esta dimensão da atividade evangelizadora realmente forme a pessoa para uma adesão sincera e autêntica a Jesus Cristo.

A *Sacrosanctum Concilium* (n. 64-65) ao estabelecer a restauração do catecumenato, impulsionou o aprofundamento da reflexão sobre a catequese de inspiração catecumenal, que em alguns contextos eclesiais, é identificada como catequese de iniciação cristã. À medida que há o esforço para implantá-la, desafios novos vão surgindo nos contextos religioso cristão e social. Com isso as reflexões teológicas vão avançando em busca de respostas e de aprimoramento para o desenvolvimento desse estilo de catequese dos primeiros quatro séculos, que foi reassumido pela Igreja a partir do CV II. Desde então, constata-se nas reflexões teológicas, que há uma espécie de simbiose entre catequese e liturgia sacramental no processo de iniciação à fé. Pode-se dizer que é impossível, incoerente, ou até mesmo uma mutilação, pensar catequese e liturgia como dimensões pastorais independentes. Nota-se um avanço na

¹ Mestranda em Teologia pela Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia (FAJE). Bolsista FAPEMIG. soaresedianasouza@gmail.com

compreensão da mistagogia como a pedagogia por excelência da atividade catequética, e neste caminho é inconcebível a separação entre liturgia e catequese. A ação formativa de ambas é conduzir a pessoa para dentro do mistério de Jesus Cristo. Esta ação não se aplica apenas aos batizados, ainda não iniciados verdadeiramente, ou aos catecúmenos. Estende-se a todos os fiéis batizados perpassando por toda a vida até a morte. A cada participação litúrgica, os fiéis devem ser educados para viver a vida em Cristo, religiosa e eticamente.

Através da pesquisa bibliográfica, este trabalho deseja aprofundar a reflexão sobre a dimensão formativa dos ritos litúrgicos na perspectiva da catequese mistagógica. Entre vários autores pesquisados, apenas alguns são citados, tais como: Dionisio Borobio (2009), Ione Buyst (2011), Ignacio Oñatibia (2018), entre outros. Estes autores tratam dos temas liturgia e catequese vinculados ao processo de iniciação cristã. Esta pesquisa foi surpreendida pela publicação, no dia 29 de junho de 2022, da Carta Apostólica de Francisco, *Desiderio Desideravi*: sobre a formação litúrgica do povo de Deus. Esta traz uma grande contribuição a este trabalho, pois ela coloca claramente a função educativa da ação litúrgica.

1 A DIMENSÃO FORMATIVA DO RITO LITÚRGICO

Para entender melhor a concepção de ação ritual como educativa, é importante recordar o conceito de iniciação cristã e descrever brevemente a sua história. Ficará evidente que essa concepção fundamenta-se nos vários modelos de iniciação à fé, sobretudo dos primeiros séculos da comunidade cristã.

Os escritos neotestamentários não falam de iniciação cristã, mas oferecem dados significativos sobre a entrada na comunidade cristã. Este processo de incorporação ao mistério de Cristo é expresso por alguns elementos essenciais: a pregação do evangelho, a acolhida na fé e a conversão, a catequese, a verificação das condições do candidato, o batismo, o dom do Espírito Santo. Para os batizados havia um sistema educativo: o ensinamento dos apóstolos, a vida em comunhão, a assiduidade na fração do pão e na celebração do dom da salvação divina e a perseverança na oração e no louvor a Deus. Na época da patrística foi institucionalizado o catecumenato, pois a iniciação à fé e à vida cristã constituíram-se no interesse da Igreja em estabelecer um caminho para ajudar a pessoa tornar-se cristã. Ele baseava-se nas seguintes etapas: a) missionária – constituída do anúncio de Jesus Cristo, da prova do candidato e da admissão ao catecumenato; b) tempo do catecumenato – durava três anos aproximadamente e era constituído de formação e de prova; c) preparação imediata aos sacramentos da iniciação – acontecia dentro do tempo da quaresma com os ritos, exorcismos e escrutínios culminando com a celebração do batismo, da crisma e da eucaristia na vigília pascal; d) catequese mistagógica – realizada na semana da páscoa(oitava pascal) para explicar os simbolismos dos ritos, as figuras bíblicas dos sacramentos e exortar a viver em Cristo. A partir do século V a iniciação cristã viveu momentos de desorientação e obscuridade devido a cisão entre liturgia e catequese e às transformações ocorridas na sociedade e na Igreja nos séculos V e VI. A partir do CV II, a iniciação cristã recebeu um novo impulso, especialmente através da *Sacrosanctum Concilium* (64 e 71) que estabeleceu o catecumenato de adultos, do decreto *Ad*

Gentes(13-14) que apresenta a proposta do catecumenato, do Código de Direito Canônico (788, 2 e 815,1) que normatiza o processo de catecumenato, do Ritual para Iniciação Cristã dos Adultos (RICA) que orienta o processo catecumenal e o Diretório Geral para a Catequese (1997) que coloca a iniciação cristã como centro da catequese (GUILARTE, 2004, p.603-605).

A iniciação cristã não cultiva uma fé como que sobreposta à ou separada da realidade pessoal, familiar, profissional, social. Leva a compreendê-la e assumi-la a partir de novos parâmetros: o seguimento de Jesus Cristo em função da chegada do Reino de Deus (BUYST, 2011, p. 117).

Guilarte (2004, p. 605) nos oferece uma definição clara e precisa sobre a iniciação cristã, entendida como:

A incorporação do candidato, mediante os três sacramentos de iniciação, no mistério de Cristo, morto e ressuscitado, e na comunidade da Igreja, sacramento de salvação; de tal modo que o iniciado, profundamente transformado e introduzido na nova condição de vida, morre ao pecado e começa nova existência para a sua plena realização. Esta inserção ou transformação radical, realizada dentro do âmbito de fé da comunidade eclesial, em que há de se integrar a resposta de fé do candidato, exige, por isso mesmo, um processo gradual ou itinerário catequético que o ajude amadurecer na fé.

Atualmente se compreende que a responsabilidade sobre a iniciação cristã é de toda a Igreja, e não apenas da catequese ou dos catequistas. Por isso é fundamental o entrosamento e a corresponsabilidade entre todos os agentes pastorais: ministros ordenados, leigos e religiosos. Toda a comunidade deve tomar consciência desta missão e procurar traçar seu próprio caminho permanente de introdução no mistério de Cristo. Assim, ela será a mediadora da ação iniciática que é dom gratuito do próprio Deus, que chama para viver na intimidade com ele e com os irmãos. Para isso é necessário o conhecimento intelectual sobre o processo mistagógico, mas em primeiro lugar é necessária a experiência pessoal e comunitária com Ele que se autocomunica e doa-se a si mesmo à humanidade, e que hoje continua o seu diálogo com o ser humano, especialmente, através das celebrações litúrgicas com seus símbolos e ritos. Papa Francisco enfatiza a dimensão concreta nos símbolos litúrgicas na vida de quem celebra e a força que eles têm de conduzir o celebrante à dimensão da contemplação.

O estupor é parte essencial da ação litúrgica porque é a atitude de quem sabe que está diante da peculiaridade dos gestos simbólicos; é a admiração de quem experimenta a força do símbolo, que não consiste em uma referência a um conceito abstrato; mas, sim, em conter e expressar, concretamente, aquilo que significa (DD, n. 26).

Papa Francisco aponta também o desafio que precisa ser superado. Sua provocação parte de uma interrogação. Pode-se deduzir que ele não impõe o que e como fazer, mas espera que com criatividade cada comunidade se esforce em recuperar a valorização da dimensão simbólica litúrgica que possui caráter educativo.

A questão fundamental é, portanto, esta: como recuperar a capacidade de viver a ação litúrgica em sua plenitude? A reforma do Concílio tem esse objetivo. O desafio é muito exigente, pois o homem moderno - não em todas as culturas ou da mesma forma - perdeu a capacidade de se confrontar com a ação simbólica, que é uma característica essencial do ato litúrgico (DD, n. 27).

O DAp afirma que a vida sacramental é de fundamental importância no processo de formação do discípulo missionário; através dela se amadurece constantemente na vida cristã aprofundando-se no mistério da pessoa, do exemplo e da doutrina de Jesus. Pois, ela favorece o fortalecimento da conversão inicial e a perseverança dos discípulos missionários em meio aos desafios do mundo (n. 278). Podemos inferir que de modo sutil, o DAp aponta para a formação através dos ritos litúrgicos. Isso fica mais evidente ainda no n. 142, que constata que os cristãos procuram identificar-se com o Senhor, através das celebrações litúrgicas.

Na América Latina e no Caribe, inumeráveis cristãos procuram buscar a semelhança do Senhor ao encontrá-lo na escuta orante da Palavra, no receber seu perdão no Sacramento da Reconciliação, e sua vida na celebração da Eucaristia e dos demais sacramentos, na entrega solidária aos irmãos necessitados e na vida de muitas comunidades que reconhecem com alegria o Senhor em meio a eles.

Diante destes apontamentos do DAp e do Papa Francisco, cabe às comunidades eclesiais se questionarem: nossas celebrações litúrgicas possuem caráter formativo, ou são predominantemente caracterizadas pelo ritualismo e por uma fé mágica nos sacramentos? Pensando a iniciação cristã não apenas na dimensão doutrinal, mas incluindo a dimensão litúrgica ritual, percebe-se a necessidade de reorientar a pedagogia catequética configurando-a à mistagogia. Buyst (2011, p. 7), cita em seu livro “O Segredo dos Ritos” o poema “Missa das 10” de Adélia Prado, trazendo à tona a insensibilidade à realidade invisível manifestada nos ritos litúrgicos, e também se apoiando na “arte de celebrar” defendida pelo Papa Francisco na DD (n. 48-60), pode-se dizer que na “Missa das 10” falta a arte celebrativa para que todos entrem no mistério pascal de Cristo.

Frei Jácomo prega e ninguém entende. Mas fala com piedade, para ele mesmo e tem mania de orar pelos paroquianos. As mulheres que depois vão aos clubes, os moços ricos de costumes piedosos, os homens que prevaricam um pouco em seus negócios gostam todos de assistir a missa de frei Jácomo, povoada de exemplos, de vida de santos, da certeza marota de que ao final de tudo uma confissão “*in extremis*”

garantirá o paraíso. Ninguém vê o Cordeiro degolado na mesa, o sangue sobre as toalhas, seu lancinante grito, ninguém. Nem frei Jácomo.

Buyst apresenta algumas notas litúrgicas a partir desse poema, dentre as quais destaca-se a seguinte:

O mistério não é percebido. O rito é realizado sem referência à história da salvação, como se fosse algo opaco, sem perspectiva, sem horizonte, sem profundidade: o rito pelo rito. Ou, o rito pelo sermão, que é a única coisa que se destaca, embora sem relação nenhuma com o mistério celebrado, como deveria ser. É o rito como ticket de entrada para o paraíso, garantia de salvação para depois da morte. (BUYST, 2011, p. 175)

Para adentrar ainda mais na reflexão sobre a formação pelo rito, é preciso distinguir entre ritual, ritualismo e ritualidade. Buyst (2011, p. 51) propõe de forma clara as seguintes definições:

Ritual é conjunto de ritos. Geralmente descritos nos livros chamados de “rituais”. Por ritualidade entendemos o caráter ritual (da liturgia) enquanto ação humana que envolve todas as dimensões do ser humano que realiza o rito: corporeidade, afetividade, inteligência, espiritualidade. Supõe um trabalho expressivo, comunicativo, simbólico, capaz de levar a experiência ritual, espiritual. Assim, ritualidade se contrapõe a ritualismo que é rito reduzido a formalismo, a exterioridade, sem dimensão simbólica, sem suficiente atenção ao sentido que expressa e sem envolvimento afetivo.

Borobio (2009, p. 26) compartilha da mesma definição de Buyst sobre a ritualidade e enfatiza que “celebrar é comunicar e comunicar-se com a totalidade corpóreo-espiritual que é o próprio homem. Pode-se dizer que um dos fatores mais danosos a impedir que a liturgia seja verdadeira festa é a alergia ou o medo da expressão corporal, o descrédito a que às vezes se submete à ritualidade”. Ele acentua a necessidade da pessoa está por inteira na liturgia com todo o ser que é meio de comunicação, que faz parte do jogo ritual.

A ação litúrgica é uma integração e interação entre ritos, símbolos e gestos. Borobio (2009, p. 26-27) ao descrevê-los procura evidenciar a articulação e a inter-relação entre eles.

Gestos: um ato que implica ação e movimento corpóreo em relação à uma coisa, à uma pessoa ou à um grupo, com o objetivo de indicar ou expressar algo. O gesto não é, sem mais, o rito.

Rito: em princípio, um ato realizado segundo uma ordem, repetitivo, e de algum modo automático, suscetível de uma diversidade de interpretações, que costuma pressupor diversos versos ou ações. O rito é

uma ação que se executa com exatidão e certa solenidade.

Símbolo: é uma realidade distinta do homem e do objeto simbolizado, que nos remete a tal objeto, ao mesmo tempo em que o torna eficazmente presente para nós pela intencionalidade que o inunda. O símbolo inclui gestos e ritos, formando um sistema simbólico.

Novamente é importante citar o Papa Francisco (DD, n. 22): “A contínua redescoberta da beleza da Liturgia não é a busca por um esteticismo ritual que se satisfaz somente no cuidado com a formalidade exterior de um rito ou se apega a uma observância escrupulosa de rubricas”. Na DD (n. 53), ele exorta para a devida atenção à arte celebrativa para que ação ritual concretize sua finalidade formativa.

Cada gesto e cada palavra contêm uma ação precisa que é sempre nova, porque encontra um instante sempre novo de própria vida [...]. Que arte somos chamados a aprender anunciando a Palavra, ouvindo-a, fazendo dela inspiração da nossa oração, fazendo dela vida? Tudo isso merece o máximo cuidado, não apenas formal, externo, mas vital, interior, porque cada gesto e cada palavra da celebração, expressos com “arte”, formam a personalidade cristã do indivíduo e da comunidade.

Para Alberick (2004, p. 320), o símbolo é a linguagem do mistério, é o veículo da comunicação religiosa. Por isso a liturgia é um instrumento da comunicação catequética, ou seja, da mistagogia, linguagem adotada neste artigo.

Só por meio de símbolos ou gestos simbólicos se consegue exprimir e comunicar a profundidade e a riqueza das experiências que envolvem toda a pessoa, alma e corpo, consciência e subconsciência. O símbolo é, na verdade, “a linguagem do mistério”, devido à sua carga evocadora e reveladora. É o veículo ideal, indispensável, para a expressão e a comunicação da experiência religiosa. E nesse sentido a liturgia se torna um instrumento privilegiado de comunicação catequética.

A consciência da formação do discípulo missionário na própria celebração litúrgica lança luzes sobre a iniciação cristã. Mais uma vez, tem-se claro que a responsabilidade da iniciação cristã não é só da catequese, e que acima de tudo, a formação do discípulo missionário não é tarefa exclusiva da catequese. Bebendo das fontes da Igreja primitiva, fica evidente que a ação ritual tem por excelência a função educativa.

A linguagem ritual e simbólica da celebração encontra-se no coração da liturgia e da piedade cristã. Nesse sentido as celebrações cristãs, especialmente as litúrgicas, encerram em alto grau as potencialidades pedagógicas e pastorais... Com efeito elas são expressão privilegiada de valores e acontecimentos decisivos para a vida (história

da salvação, o mistério pascal de Cristo); constituem uma afirmação da identidade cristã e da presença eclesial; têm uma clara dimensão escatológica, enquanto anúncio e antecipação do futuro prometido por Deus; e compreendem também uma dimensão de compromisso e um apelo ético (ALBERICK, 2004, p. 322).

Portanto, a participação nas ações rituais tem caráter educativo, ou seja, progressivamente vai formando o discípulo missionário pela incorporação e introdução no mistério de Jesus. A catequese à serviço desta educação ritual irá possibilitar a iniciação cristã ao longo do processo e não simplesmente formar a pessoa para ser cristã. Pois, “a ação ritual é ‘performativa’: ela ‘perfaz’, realiza, faz acontecer algo nas pessoas que dela participam” (BUYST, 2011, p. 48). Por fim, “a vida sacramental empobrece-se e depressa se torna ritualismo vazio, se não estiver fundado num conhecimento sério do que significam os Sacramentos. E a catequese intelectualiza-se, se não for haurir vida na prática sacramental” (CT, n. 23).

2 A BUSCA POR UMA CATEQUESE INICIÁTICA MISTAGÓGICA

Hoje, a tarefa que se impõe sobre a atividade catequética é a de formar verdadeiros fiéis cristãos, ou na linguagem assumida pelo DAp, discípulos missionários. Toda a comunidade cristã deve ser mistagoga e mistagógica. Jesus é o mistagogo por excelência. Ele convidou a todos para o seu seguimento; aqueles que aceitaram o convite foram introduzidos por ele no mistério do Reino de Deus, e após sua páscoa, enviados para a missão (n. 276).

A pedagogia mistagógica alcançará a meta de ser um processo performativo do atual discípulo missionário. Ela será muito mais que uma catequese doutrinal que prepara para ser um cristão ao final do processo. Mas permitirá que a pessoa vai se tornando cristã ao longo do processo, sobretudo, através dos ritos litúrgicos-sacramentais. Aquilo que ela aprender intelectualmente deverá ser aprendido através dos ritos. Ela será introduzida no mistério pascal de Jesus através deles. Ou melhor, a aprendizagem intelectual do conteúdo e a aprendizagem ritual são simultâneas. Esta é a meta que se busca alcançar através da iniciação cristã na atualidade.

Não basta “*dar catequese*”, conteúdos bíblico-catequéticos, ensinamentos morais, alguma explicação sobre a celebração, sobre os sacramentos. Será preciso voltar a uma pedagogia mistagógica, num processo catecumenal que inclui também liturgias catecumenais, acompanhando os vários passos da iniciação. De fato, uma das características do processo catecumenal é sua dimensão celebrativo-litúrgico da fé. É o próprio mistério celebrado que nos inicia e “forma” (BUYST, 2011, 46).

Mas afinal, o que é mistagogia? Buyst (2011, p. 115) apresenta a seguinte conceituação: “Mistagogia é composta de duas partes: *mist* + *agogia*. *Mist* está relacionado com *mysterium*, “mistério”; *agogia* vem de *ago*, que tem a ver com “conduzir”, “guiar”. Podemos traduzir: guiar,

conduzir para dentro do mistério”. Então a catequese mistagógica é aquela que conduz para o mistério de Jesus.

Quando se fala em formação mistagógica, compreende-se um processo permanente de catequese que não se detém apenas num tempo determinado, mas indeterminado no cotidiano das celebrações litúrgicas. Pois elas possuem a possibilidade de introduzir o catequizando/catecúmeno e o iniciado no mistério da morte e ressurreição de Jesus, como já mencionado acima. Por isso os ritos litúrgicos são educativos e introduzem no mistério. “A mistagogia como um processo metodológico, significa educar na fé através dos sinais da liturgia, sobretudo o significado dos sacramentos que são os grandes mistérios da fé, que contêm e realizam em nós a salvação” (LIMA, 2016, p. 261). Papa Francisco aponta para esta dimensão mistagógica da liturgia e sua relação com a linguagem simbólica do corpo.

A liturgia não nos deixa sozinhos na busca de um presumido conhecimento individual do mistério de Deus, mas nos leva pela mão, juntos, como uma assembleia, para nos conduzir ao mistério que a Palavra e os sinais sacramentais nos revelam. Faz isso e coerência com agir de Deus, seguindo o caminho da Encarnação, pela linguagem simbólica do corpo, que se estende às coisas, ao espaço e ao tempo. (DD, n. 19)

Se os ritos sacramentais são mistagógicos eles são também catequéticos. Assim sendo, a catequese a serviço da iniciação cristã deve permanecer vinculada à liturgia. A “mistagogia ou catequese mistagógica está muito unida a tudo aquilo que é litúrgico, celebrativo, orante, contemplativo, e daí alargamos seu sentido também para toda a exposição da fé cristã através dos sinais, dos símbolos, das artes, sobretudo da pintura e da música” (LIMA, 2016, p. 261-262). Mais uma vez destaca-se a inseparabilidade entre catequese e liturgia.

Mistagogia é conduzir para dentro do mistério, então qual é o sentido mais profundo de mistério? Nos primeiros séculos da Igreja, no período do catecumenato, compreendia-se o mistério de uma forma bem específica, voltada para a realidade da iniciação cristã considerando o contexto social em que estava inserida a comunidade. Pode-se dizer que era uma compreensão prudente para que somente os que estavam no caminho da conversão e da iniciação pudesse ter acesso à formação doutrinal e ritual.

A palavra “mistério” vem da palavra grega *muein*, “fechar a boca”, calar-se; é um segredo acessível somente às pessoas que estão sendo iniciadas, abrindo-lhes o caminho que as leva do mundo visível (da vida, dos símbolos, das ações rituais...) a seu significado escondido. Não se deve falar sobre isso com os não iniciados; na presença deles, boca fechada! (BUYST, 2011, p. 115-116)

No contexto da fé cristã está relacionado com o mistério pascal ou com o mistério de Jesus. Os teólogos optam por usar um termo ou outro, mas todos apontam para o mesmo sentido. Buyst (2011, p. 24-25) afirma que

O “mistério pascal” diz respeito à vida, morte e ressurreição de Jesus, e sua gloriosa vinda, sua páscoa-passagem, na qual foram revelados o rosto e o coração de Deus que acompanhou seu povo ao longo de toda a história, de forma discreta, em segredo; “mistério” que foi dado a conhecer plenamente na pessoa de Jesus. Assim, o mistério pascal de certa forma, inclui toda a história da salvação passada, desde a criação, e ainda a história por vir até que, na expressão de São Paulo, Deus seja tudo em todos (cf. 1Cor 15, 28).

Toda a liturgia cristã é ação ritual simbólica que nos comunica a vida de Jesus e não apenas uma encenação do que ele fez. Papa Francisco chama a atenção para esta realidade e apresenta mais um aspecto para compreensão da dimensão mistagógica dos sacramentos. “Desde o início, a Igreja captou, iluminada pelo Espírito Santo, aquilo que era visível em Jesus, aquilo que se via com os olhos e se tocava com as mãos, suas palavras e seus gestos, a concretude do Verbo encarnado — tudo dEle passou para a celebração dos sacramentos (DD, n. 9). Mais uma vez, citando Buyst (2011, p. 120-121), que afirma que é pelo simbolismo litúrgico que temos acesso ao mistério de Jesus, ou seja, os ritos são mistagógicos.

De fato, o “mistério” é uma realidade tão rica, complexa, abrangente e profunda que é impossível expressá-la ou aplicá-la racionalmente. O mistério não é irracional, mas ultrapassa nossa razão. Por isso, só temos acesso a ele por um caminho feito de experiência e sabedoria, que valoriza o conhecimento simbólico. É por isso que, para expressar e intensificar nossa participação no mistério pascal, e seguindo o mandamento de Jesus (“Façam isto...”), nós celebramos na liturgia, que se vale da linguagem “total” de símbolos, mitos e ritos, os únicos capazes de atingir nosso ser por inteiro.

Nessa linha de reflexão sobre a catequese mistagógica, Oñatibia (2007, p. 136) apresenta uma importante contribuição em relação aos rituais da iniciação cristã que incorporam a Cristo.

As unções e signações são etapas de uma gradual tomada de posse da parte de Cristo. O rito da adesão ao Cristo antes do batismo sintetiza muito bem o sentido da vida nova que o sacramento irá inaugurar. O rito batismal é de modo primordial, simbólico e realmente participação na morte-ressurreição de Cristo. A unção crismal virá a consolidar esta primeira configuração a Cristo. A eucaristia, memorial da páscoa do Senhor, selará definitivamente a incorporação a Cristo.

Na compreensão de Borobio, as razões pelas quais a celebração tem valor educativo e é um lugar privilegiado para a educação da fé são estas:

Porque nela encontramos a fé em ato de expressão, de confissão, de realização, de alimentação e de comunhão; porque nela manifestam-se e, ao mesmo tempo, comunicam-se as diversas dimensões da missão: palavra, culto, caridade, unidade; porque a fé é ao mesmo tempo anunciada na assembleia que a acolhe, profissão de fé do povo da nova aliança, ato comunitário de testemunho. Sobretudo essa especificidade enraíza-se no fato de que essa educação se realiza mediante um conjunto de elementos que integra palavra de Deus e palavras humanas (homilia, orações, preces), sinais e símbolos, gestos e ações, movimentos e posturas corporais, cerimônias e cantos, localização dos celebrantes, cores, sons e até aromas. Tudo isso uma força educativa e no seu conjunto proclama uma mensagem e presença que com sua pedagogia própria se dirige a todo homem, como indivíduo e comunidade, como espírito encarnado, como coração e mente (BOROBIO, 2009, p. 87).

Portanto, a catequese mistagógica está contida nas ações rituais e na instrução aos que se encontram no processo de iniciação cristã e aos que já foram iniciados. Todos os fiéis estão no caminho do discipulado missionário. Deve-se reafirmar neste percurso formativo, que a participação litúrgica, é uma dimensão preponderante da catequese de inspiração catecumenal. É urgente que o olhar pastoral da Igreja continue se aguçando em busca da formação de seus membros através das ações rituais, para que todas as comunidades se tornem verdadeiramente mistagógicas, onde cada fiel seja introduzindo com eficácia no mistério pascal de Jesus. Neste sentido, a pastoral catequética na perspectiva da mistagogia contribuirá para uma melhor compreensão das celebrações rituais e para uma verdadeira adesão à Jesus Cristo.

CONCLUSÃO

A catequese está a serviço da iniciação cristã. Ser iniciado é ser introduzido no mistério de Jesus e ser incorporado a ele e à comunidade eclesial. A liturgia possui a dimensão catequética, e a pastoral catequética deve estar articulada com a liturgia. No processo de iniciação à fé, há uma urgência em adotar a pedagogia mistagógica. Esta consiste na valorização dos ritos litúrgicos, que são simbólicos, como instância formativa do discípulo de Jesus, aquele e aquela que são chamados a viver uma vida de intimidade com ele e serem enviados em missão. A experiência do divino é possível através dos ritos e simbolismos, por isso neste trabalho foi adotado o termo performativo para conceituar como se constitui a introdução ao mistério de Cristo. A partir da experiência vivencial nas celebrações rituais, a pessoa vai tornando-se cristã. Isto é muito além da manutenção de uma catequese instrutiva. A instrução só é significativa se estiver integrada com a experiência simbólica. Somente com a catequese mistagógica, a meta da iniciação cristã será concretizada em nossas comunidades eclesiais.

SIGLAS:

CT - Exortação Apostólica *Catechesi Tradendae*

DD - Carta Apostólica *Desiderio Desideravi*

DAP – Documento de Aparecida

CV – Concílio Vaticano II

REFERÊNCIAS

ALBERICH, Emílio. Catequese Evangelizadora. Manual de Catequética Fundamental. Brasília, Editora Dom Bosco, 2004. Edição digital 2013.

BOROBIO, Dionisio. Celebrar para viver: *liturgia e sacramentos da Igreja*. São Paulo: Loyola, 2009.

BUYST, Ione. O segredo dos ritos: *ritualidade e sacramentalidade da liturgia cristã*. São Paulo: Paulinas, 2011.

CONSELHO EPISCOPAL LATINO-AMERICANO. Documento de Aparecida. 5ª edição 2008. Edições CNBB, Paulus, Paulinas.

GRILLO, Andrea. Ritos que educam: *os sete sacramentos*. Brasília, DF: CNBB, 2017.

GUILARTE, Manuel del Campo. A Iniciação Cristã. In: PEDROSA, V. Ma.; NAVARRO, Ma.; LÁZARO, R.; SASTRE, J. Orgs. DICIONÁRIO DE CATEQUÉTICA. São Paulo, Paulus, 2004. p. 602-614.

FRANCISCO. Carta Apostólica *Desiderio Desideravi*: sobre a formação litúrgica do povo de Deus. São Paulo: Paulinas, 2022.

LIMA, Luiz Alves. A Catequese do Vaticano aos nossos dias: *a caminho de uma catequese a serviço da Iniciação à Vida Cristã*. São Paulo: Paulus, 2016.

OÑATIBIA, Ignacio. Batismo e confirmação: *sacramentos de iniciação*. São Paulo: Paulinas, 2018.